



SER SUPER-HEROÍNA EM UM MUNDO DE SUPER-HERÓIS: UMA ANÁLISE DA SÉRIE MULHER-HULK (2022)

BEING A SUPERHEROINE IN A WORLD OF SUPERHEROES: AN ANALYSIS OF THE SHE-HULK SERIES (2022)

GABRIELA MIRANDA DE OLIVEIRA

Mestra em História Social e Graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

RESUMO

Este artigo explora a representação de super-heroínas no universo cinematográfico da Marvel, com foco na série "She Hulk: Attorney At Law". Tradicionalmente, histórias em quadrinhos e filmes de super-heróis foram direcionados a um público masculino, reflexo de uma sociedade patriarcal que associava gêneros específicos a diferentes tipos de mídia. No entanto, essa divisão tem sido cada vez mais contestada, com um número crescente de personagens femininas conquistando espaço e protagonismo nesses universos. A análise propõe um estudo da trajetória das super-heroínas, desde as primeiras fases dos filmes da Marvel até as produções mais recentes, com ênfase na representação de gênero e na inclusão de mulheres como agentes de ação. Utilizando uma metodologia de análise historiográfica dos discursos e cenas, o artigo examina como questões feministas são abordadas na série "She Hulk", destacando a importância de uma equipe de produção composta por mulheres na construção de personagens femininas mais inclusivas e empoderadoras. A série é analisada como um exemplo de como as produções midiáticas podem agregar valor à pesquisa científica e refletir importantes aspectos sociais, especialmente no contexto das lutas feministas contemporâneas.

Palavras-chave: Representação Feminina; Super-heroínas; Mulher-Hulk; Análise de Gênero; Feminismo.

ABSTRACT

This article explores the representation of superheroines in the Marvel Cinematic Universe, focusing on the series She-Hulk: Attorney At Law. Traditionally, comic books and superhero films have been directed at a male audience, reflecting a patriarchal society that associates specific genders with different types of media. However, this division has increasingly been challenged, with a growing number of female characters gaining space and prominence in these universes. The analysis proposes a study of the trajectory of superheroines, from the early phases of Marvel films to the most recent productions, with an emphasis on gender representation and the inclusion of women as action agents. Using a historiographical analysis methodology of discourses and scenes, the article examines how feminist issues are addressed in the She-Hulk series, highlighting the importance of a production team composed of women in the construction of more inclusive and empowering female characters. The series is analyzed as an example of how media productions can add value to scientific research and reflect important social aspects, especially in the context of contemporary feminist struggles.

Keywords: Female Representation; Superheroines; She-Hulk Gender analysis; Feminism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 O UNIVERSO CINEMATOGRAFICO MARVEL (UCM) E AS MULHERES: O PERCURSO DA REPRESENTATIVIDADE ATÉ O ANO DE 2022; 2 ANÁLISE DA SÉRIE MULHER HULK: DEFENSORA DE HERÓIS; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A definição de que histórias em quadrinhos e filmes de super-heróis são produções voltadas para o público masculino pode ser atribuída, em parte, a costumes machistas enraizados em nossa sociedade patriarcal, que direcionam as mídias de acordo com gênero desde a infância. Enquanto filmes de princesas e as inúmeras variações de filmes da boneca Barbie são direcionados para as meninas, os filmes de ação, incluindo as aventuras de super-heróis que frequentemente estão em missão para salvar o mundo, são indicados para os meninos.

No entanto, essa classificação entre esses tipos de produções midiáticas tem sido cada vez mais questionada nos últimos anos. O que costumava ser um nicho exclusivamente masculino, abrangendo meninos, rapazes e homens, está conseguindo dialogar também com o público feminino, que tem avançado gradualmente na conquista de espaço e representatividade. Essa conquista não busca criar uma disputa sobre qual personagem é mais forte ou significativo, mas sim restabelecer padrões, levando em consideração a inclusão de mulheres nos filmes de aventura como agentes de ação e super-heroínas.

A exclusão inicial das mulheres nesses tipos de produções midiáticas acompanha a própria exclusão das mulheres nos discursos historiográficos como sujeito/objeto das narrativas. De acordo com a historiadora Muniz (2010), somente após os movimentos feministas é que as mulheres ganharam visibilidade historiográfica, rompendo com o silêncio discursivamente produzido acerca de sua presença e protagonismo históricos. Nesse sentido, pensar de que forma as mulheres passaram a participar e até protagonizar filmes de super-heróis é também entender as conquistas dos campos de estudo sob rubricas de “história da mulher”, “história das mulheres”, “estudos feministas” e “estudos de gênero”; e como tais rubricas cumpriram um papel comum de validar as mulheres enquanto sujeitos históricos. E esse é o ponto de interseção entre a História e a ficção que esse artigo pretende analisar.

A partir disso, se as mulheres podem ser protagonistas de suas próprias histórias, também podem protagonizar produções cinematográficas de super-heróis. Contudo, o que se percebe é um mercado sexista que trabalha a inserção de personagens femininas inicialmente como suplemento, reafirmando, dessa forma, as assimetrias de gênero nos discursos. O que se pode ver tanto no



mercado da DC Comics quanto no Marvel Comics é que as personagens femininas estão em menor número e são semelhantes no que se refere ao padrão de beleza, designer de uniformes e participação coadjuvante.

O machismo se exhibe na cultura pop de inúmeras formas, no meio cinematográfico isso não é diferente, principalmente no ambiente dos super-heróis. E só observarmos as super-heroínas que nos são apresentadas: elas estão em um número significativamente menor se comparadas aos super-heróis, sem contar que há uma quase inexistência delas como protagonistas; seus uniformes têm o design fundamentado no olhar libidinoso masculino e existe uma imposição de um padrão de beleza praticamente inalcançável (Costa, 2021, p. 1).

É habitual nos depararmos em obras fílmicas com personagens femininas submissas e/ou objetificadas. Existem numerosos filmes em que mulheres são retratadas de maneira hipersexualizada, sendo evidente que essas personagens são primordialmente concebidas para satisfazer o público masculino. Outra narrativa comum é aquela em que os homens são responsáveis por resolver todos os problemas na trama, enquanto as mulheres são relegadas ao papel de espera, dependendo deles para serem resgatadas.

Conforme ressaltado por Costa (2021), ao realizarmos uma pesquisa breve entre os filmes de maior sucesso nas bilheterias – conhecidos como *blockbusters* – é notável que poucos apresentam personagens femininas que não se encaixam em estereótipos sexistas. Essa constatação é válida independentemente da época em que esses filmes foram lançados, uma vez que eles atraíram grandes públicos para as salas de cinema. Especificamente, quando analisamos filmes de ficção científica e do universo dos super-heróis, torna-se ainda mais desafiador encontrar representações não estereotipadas de personagens femininas.

Nesse contexto, é crucial examinar e refletir sobre o conteúdo dessas obras, especialmente aquelas que abrem espaço para a discussão da representatividade e conseguem desafiar esses estereótipos estabelecidos. O objetivo deste estudo é analisar a atual preocupação da Marvel em incluir mais personagens femininas que sejam ativas e que quebrem os antigos padrões. Especificamente, vamos focar na série *She Hulk: Attorney At Law*. Serão considerados aspectos cinematográficos, estéticos e históricos inovadores presentes nessa produção, que faz parte da fase 4 do Universo Cinematográfico da Marvel.



A análise da série "She Hulk", baseada nos quadrinhos homônimos, tem como propósito compreender de que maneira as questões relacionadas ao gênero e aos feminismos são abordadas esteticamente e discursivamente na série. Para tanto, será utilizada uma metodologia de análise historiográfica dos discursos e cenas presentes na série.

Cumprir salientar que, durante a trajetória dos filmes baseados nos quadrinhos, os estúdios Marvel vêm resignificando as representações femininas desde a primeira fase que teve início no ano de 2008 até os últimos lançamentos (sejam filmes ou séries) do ano de 2022. Desse modo, para se construir uma análise da série She Hulk é necessário antes explorar um pouco das principais super-heroínas dessa franquia.

Nesse sentido, surgem alguns questionamentos pertinentes: Como as super-heroínas foram retratadas pelos(as) autores(as)? Que estilo de traço, composição e ângulos foram utilizados nos desenhos e nos filmes para representar suas personagens? Quais temas foram desenvolvidos e de que maneira foram abordados? Em que medida essa história se diferencia de outras narrativas sobre super-heroínas? Como a presença de uma equipe de produção composta por mulheres contribui na construção das super-heroínas?

Esses questionamentos nos levam a uma análise mais aprofundada do modo como as super-heroínas são representadas visualmente, considerando aspectos como o estilo artístico, a composição das cenas e o uso de ângulos específicos nas imagens. Além disso, é importante investigar os temas abordados na história e como são tratados, em contraste com outras narrativas sobre super-heroínas.

A presença de uma equipe de produção formada por mulheres também desempenha um papel significativo, pois traz uma perspectiva e sensibilidade específicas para a composição das super-heroínas. Isso pode se refletir nas características das personagens, nas questões que são exploradas em suas histórias e nas representações mais inclusivas e empoderadoras que podem surgir como resultado.

Ao responder a esses questionamentos, podemos compreender melhor as escolhas estéticas, narrativas e temáticas envolvidas na representação das super-heroínas, assim como o impacto da diversidade e da inclusão no processo de criação dessas personagens.

Acreditamos que as respostas para essas perguntas aparecem na medida em que analisamos os contextos de produção relacionando o surgimento desse quadrinho à produção cinematográfica



que propõe um olhar narrativo diferente do que vinha sendo produzido. Nesse diapasão, tal qual aconteceu na sociedade contemporânea, os debates envolvendo relações de gênero e feminismos ganham força e cada vez mais espaço na indústria dos quadrinhos.

1 O UNIVERSO CINEMATOGRAFICO MARVEL (UCM) E AS MULHERES: O PERCURSO DA REPRESENTATIVIDADE ATÉ O ANO DE 2022

Ao investigarmos e refletirmos sobre questões de natureza histórica e social presentes em produções cinematográficas, é fundamental compreender o cinema à luz dos estudos propostos por Marc Ferro (1992), que classifica todo o processo de produção de significado como uma prática social. Nesse sentido, o cinema não é meramente uma prática social, mas sim um gerador de práticas sociais. Essa forma de mídia não apenas testemunha as formas de pensar, agir e sentir de uma sociedade em um determinado período, mas também atua como um agente que propõe transformações e sugere situações críticas.

Ao examinarmos filmes dentro de um contexto histórico e social, podemos analisar como eles retratam valores, crenças e ideologias presentes na sociedade em que foram produzidos. Além disso, o cinema pode desafiar essas normas, questionar convenções estabelecidas e incentivar reflexões críticas sobre questões sociais relevantes. Dessa forma, o cinema não é apenas um reflexo da sociedade, mas também uma força que influencia e molda as práticas e mentalidades sociais de uma determinada época.

Sendo assim, um caminho para compreendermos melhor as mudanças sociais e culturais é estudarmos sobre as produções cinematográficas por meio das inovações e resistências apresentadas nas imagens, discursos e recepção. Nas palavras de Valim (2012, p. 285):

A resistência aos significados e mensagens dominantes pode favorecer novas leituras e novos modelos de apropriação do cinema, usando a cultura como recurso para o fortalecimento e a invenção de significados, identidades e formas de vida. Nesse sentido, convém notar que a cultura é um terreno de disputas, no qual grupos sociais e ideologias políticas rivais lutam pela hegemonia, e, também, que os indivíduos vivenciam essas lutas mediante imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados não somente pelo cinema, mas pela mídia de uma forma geral.

Considerando a colocação do autor citado, entendemos que tanto os filmes como as séries podem ser entendidos como espaço que evidencia disputas sociais e culturais, e tenta difundir uma



ideologia. Dessa maneira, mesmo reconhecendo as diferenças estruturais entre uma série e um filme, para a análise que estamos propondo tal diferença não será limitante.

Os filmes e séries do UCM fazem grande sucesso e as histórias e aventuras desse universo tiveram início com o primeiro filme da franquia em 2008, inaugurando o que ficou conhecido como a “A saga do infinito”. Porém, é preciso problematizar a participação feminina nas primeiras produções que evidenciam muitos problemas em suas representações.

Em 2008 é lançado o filme Homem de Ferro, dando início a uma saga e apresentando o primeiro super-herói da franquia. Logo no começo do filme é apresentada uma personagem feminina, Christine Everhart (Leslie Bibb), uma repórter que entrevista Tony Stark (Robert Downey Jr.) e que o confronta com perguntas bastante críticas a respeito das indústrias Stark. Em seguida, os dois vão para a casa dele e passam a noite juntos. No dia seguinte a moça é dispensada pela assistente de Tony Stark. E é essa a primeira visão de uma personagem feminina que é exibida no filme. A primeira mulher que aparece no filme de estreia do MCU é uma personagem que não tem relevância para a história e não será lembrada posteriormente.

Ainda se tratando desse contexto, somos apresentados à única personagem feminina de destaque nesse filme, Pepper Potts, a assistente pessoal de Tony Stark (a mesma que ficou responsável por dispensar Christine), que posteriormente será seu interesse romântico. Potts e Stark constroem uma relação de cumplicidade e lealdade. Em que ela organiza e ajuda o Stark tanto em questões relativas à vida pessoal quanto profissional, sabendo driblar o temperamento instável e egocêntrico desse personagem. E como desfecho desse filme, durante a batalha final entre herói e vilão, Pepper Potts encena a mocinha em perigo a espera do Homem de Ferro para salvá-la.

Nos lançamentos seguintes, as personagens femininas foram aos poucos ganhando espaço e chamando a atenção. Em Homem de Ferro 2, lançado no ano de 2010, Pepper é nomeada CEO das indústrias Stark, expondo seu lado intelectual que foi mais explorado pela narrativa. Mesmo tendo, enfim, seu potencial reconhecido além de suas funções como assistente pessoal e par romântico do protagonista, ainda não recebe a notoriedade que merecia na trama.

Nesse mesmo filme, conhecemos Natasha Romanoff, também conhecida como Viúva Negra. Natasha é apresentada como uma mulher bonita, sexy e seus atributos físicos são explorados através de seu figurino. Interpretada por Scarlett Johansson, a personagem é treinada para ser uma agente secreta e distrair os inimigos com sua aparência. O rígido treinamento enfrentado pela



personagem incluía aperfeiçoamento de práticas marciais e competências intelectuais para participar de combates e defender a si mesma e aos outros. Sempre tendo a sensualidade como elemento principal em suas aparições.

Claro que as mulheres podem fazer tudo o que quiserem sem deixar sua feminilidade e sensualidade de lado, afinal o feminismo se ocupa de ir contra o machismo e desconstruir a nossa visão de normalizar o sexismo e isso não depende do fato de termos ou não um comportamento mais feminino ou sexy. Mas no filme é possível perceber que a personagem de Scarlett Johansson foi construída com a forte intenção de atender aos desejos fetichistas masculinos, pois é notável uma grande preocupação em expor o corpo da personagem, é só observar os ângulos de câmera e enquadramentos. A Viúva Negra é frequentemente filmada de uma forma que enaltece seus seios, nádegas e até mesmo suas partes íntimas, em especial nas cenas de luta. A câmera perpassa pelo corpo de Natasha com a intenção muito maior de exibir suas formas do que mostrar suas realizações (Costa, 2021, p. 5).

A autora chama atenção para o quanto situações como essas tendem a normalizar a concepção de que o corpo da mulher existe nesses filmes quase que exclusivamente para apreciação do homem e o quanto é problemático ser utilizado dessa forma. A direção de imagem e posicionamento de câmera da qual a personagem é submetida é escolhido em função de um enquadramento que expõe o corpo feminino para uma satisfação masculina. Em geral, não vemos o mesmo interesse dos realizadores na exposição de um corpo masculino. Um exemplo disso é que é muito mais comum encontrarmos filmes que exploram mais a nudez da mulher que a do homem.

Na grande maioria dos filmes desse seguimento originado dos quadrinhos que contam histórias de super-heróis, as personagens femininas têm seus corpos utilizados como instrumentos de prazer. Trazem a sexualidade vinculada à instituição social dos corpos das mulheres, que faz parte de um imaginário patriarcal. A apresentação da agente Romanoff não apenas evidencia isso, como eleva a níveis que incomodam parte do público feminino, bem como a atriz que sugere algumas mudanças para os próximos filmes.

Em Vingadores, lançado em 2012, obtemos mais informações sobre a Viúva negra e sua história. Mesmo fazendo parte do grupo, Natasha é ainda retratada como ajudante, sempre auxiliando algum dos super-heróis. Costa (2021) cita que havia uma grande resistência em criar um núcleo próprio para a personagem dentro dos roteiros para que ela pudesse receber mais notoriedade. E a resistência era ainda maior quando se tratava da ideia de criar um filme solo para ela. Percebemos que tal resistência foi tamanha que a personagem só ganhou um filme para



realmente contar sua história (até então obscura) dez anos após sua primeira aparição em um filme da Marvel.

Após Pepper Potts e Natasha Romanoff, surgiram no UCM outras personagens femininas que apresentaram destaque. Dentre elas: Gamora (filme Guardiões das galáxias), Vespa (Filme Homem Formiga), Capitã Marvel (filme Capitã Marvel) e Nakia (filme Pantera Negra). Além da pouca representatividade de mulheres, chama atenção também o pouco tempo de tela que as personagens possuem.

Uma análise feita por Chris Longridge em 2018, que foi divulgado pelo site Digital Spy em janeiro de 2019, nos mostra que entre os 20 filmes analisados na época, apenas O Homem-Formiga e a Vespa (2018) contou com a participação de mulheres em mais de 50% da duração do longa (55.7%). E o pior resultado, com as mulheres fazendo parte de apenas 13,91% de tempo de filme, pertence a Capitão América: O primeiro Vingador (2011), contando com personagens femininas em apenas 17m15s, em uma obra com o total de 2h04m. (...) Nesse estudo de Longridge também é possível observar que os filmes de 2018 são os que possuem os melhores resultados, pois Pantera Negra (2018) com 2h14m de tempo de duração registrou 54 minutos de personagens femininas em tela (40,29%) e Vingadores: Guerra infinita (2018) teve 51m45s de 2h29m (34,05%). O que mostra que essa preocupação da Marvel em dar mais visibilidade para as mulheres é algo atual e esses avanços só aconteceram a custo de muitas reivindicações femininas (Costa, 2021, p. 3).

Durante muito tempo as expectadoras femininas tiveram que se acostumar com o protagonismo masculino. Para as fãs de histórias desse segmento, foi necessário construir um vínculo diferente, enquanto esperava por uma personagem com a qual ela pudesse realmente se identificar. Contudo, com o passar do tempo e o aumento do número de mulheres que passaram a acompanhar esse tipo de conteúdo, bem como reivindicações femininas por parte do público, a Marvel passou a se preocupar mais com a forma de construir as personagens femininas e com a maior visibilidade delas.

A empresa percebeu que as mulheres consumidoras desse tipo de conteúdo, antes silenciadas pela grande mídia, exigem seus direitos de serem bem representadas. O fato de geralmente a maior parte dessas mulheres serem coadjuvantes não justifica a abordagem rasa que elas costumam receber. Costa (2021) ressalta que quando se trata das mulheres que integram o Universo Cinematográfico Marvel é fácil perceber o quanto elas foram estereotipadas, ignoradas e/ou objetificadas no decorrer da narrativa de vários dos filmes

Ao levantarmos questões como essas, percebemos que as equipes de produções desses filmes são compostas majoritariamente por homens. Autores, diretores, cinegrafistas, diretores de imagem, fotografia, figurino. São homens construindo representações femininas para homens (público-alvo).

Foi no ano de 2019, com o filme *Capitã Marvel*, que a primeira protagonista feminina do MCU teve um filme de grande destaque. Sob a promessa de ser a personagem mais poderosa desse universo, a *Capitã Marvel* inaugura uma nova abordagem por parte da empresa na forma de representar personagens femininas.

Junto com essa nova abordagem, a Marvel apresenta também pela primeira vez uma mulher em um cargo de direção. Anna Boden é diretora do filme – porém não sozinha – em parceria com Ryan Fleck. A produção conta ainda com a consultoria da Gen. Jeannie Leavitt, a primeira mulher piloto de caça da Força Aérea dos Estados Unidos. Pela primeira vez também uma mulher seria responsável pela trilha sonora em um filme do UCM, assinada por Pinar Toprak.

Nesse filme, a atriz Brie Larson interpreta a personagem Carol Danvers, piloto da Força Aérea Norte-Americana que após sofrer um acidente absorveu a energia da explosão e adquiriu superpoderes, como a habilidade de voar, (super)velocidade, força e conseguir absorver e manipular energia. Porém, como consequência do acontecido, ela perde a memória e acaba indo viver em outro planeta, sem conseguir se lembrar do que aconteceu, ou de quem ela é. Enquanto tenta resgatar suas lembranças e entender melhor seus poderes, envolve-se em uma batalha alienígena entre os Krees e os Skrulls.

Destacamos aqui o fato da protagonista não se enquadrar dentro de estereótipos comuns. Percebemos em inúmeras narrativas que algumas heroínas têm dificuldades em lidar com seus próprios superpoderes, tal fato até acontece também com os super-heróis, mas em uma proporção muito menor se comparada às mulheres. Quando tal situação ocorre com um personagem masculino, logo é resolvido dentro da narrativa, já com as personagens femininas perdura durante toda a trama. Dificilmente vemos nos filmes homens se lamentando por serem poderosos. Já as mulheres, normalmente, têm suas narrativas atreladas à necessidade de primeiro se mostrarem fracas. A quantidade de mulheres detentoras de superpoderes que entram e permanecem em crise existencial é muito maior que a de homens em situação semelhante.



Todavia, essa não é a realidade da Capitã Carol Danvers. Durante todo o filme, ela manifesta satisfação em ser uma heroína, e não demonstra ter medo quando se descobre mais poderosa do que imaginava. Assume seus poderes com autoridade e de forma responsável em prol do que acredita. É uma protagonista que não precisa se esconder e cuja identidade não é determinada por ter um relacionamento amoroso com um homem.

No que se refere ao figurino, Danvers usa roupas confortáveis e que não hipersexualizam seu corpo. Seu uniforme, diferente dos trajes que estamos acostumados a ver nas super-heroínas, é confortável e adequado para uma luta e cumpre sua função como vestimenta de batalha. Neste filme a roupa não foi pensada para expor o corpo feminino e obter olhares masculinos.

Tais mudanças são ilustrativas de que Marvel, mesmo a passos lentos, está seguindo em uma direção um pouco diferente nas construções das personagens femininas nos filmes. O aumento do público feminino, pressões da recepção por parte desse público, a inclusão de mulheres no processo de produção podem ser fatores que expliquem a mudança de abordagem. Contudo, a recepção dessa produção não se isentou de críticas por parte de fãs que estavam acostumados com o antigo formato.

Pelo fato de ter uma mulher como personagem principal, antes mesmo de ser lançado, o filme já sofria ataques machistas. Recebeu críticas negativas em sites especializados, como o Rotten Tomatoes, e nas redes sociais de pessoas que ainda nem o tinham assistido, mas não conseguiam aceitar o fato de ter uma mulher mais forte que os outros super-heróis como protagonista. As críticas negativas giravam em torno desde a falta de carisma de Larson e de seus atributos físicos à direção ruim do filme, devido à falta de experiência dos responsáveis. Frases como ‘quem lacra não lucra’ foram ditas com frequência sobre o longa, principalmente por homens que não aceitavam a liderança de uma mulher. O que nos leva a questionar: por que nós, mulheres, não podemos ser protagonistas de um filme de super-heróis? (Costa, 2021, p. 9).

Esse tipo de recepção evidencia o quanto o aspecto cultural que direcionam as produções midiáticas por gênero e impõe aspectos machistas ainda está presente.

No ano de 2022, podemos notar um aumento no protagonismo feminino nos filmes e séries da Marvel. São lançadas protagonistas, super-heroínas, vilãs e um significativo aumento de representatividade. Estratégia de mercado ou conscientização, seja qual for o fator motivador, o importante é que meninas, adolescentes, mulheres, muçulmanas, negras e lésbicas tiveram local de fala (mesmo que em pouco tempo de tela) nas produções de 2022 do UCM.



No Filme Doutor Estranho no Multiverso da Loucura, lançado em Maio de 2022, Ao lado do protagonista Strange, temos América Chaves, uma jovem portadora de um superpoder que tem um ponto chave para resolução do conflito do filme. América tem dificuldades de controlar seu poder e precisa ser auxiliada. Responsável pelo caos no filme temos Wanda Maximoff, que agora é a Feiticeira Escarlate. Wanda, que acredita que será feliz no universo que puder ter sua família e seus filhos, busca alterar o equilíbrio do multiverso em busca de seu objetivo. A motivação pessoal humaniza a vilã, que antes fazia parte do grupo dos vingadores. Tanto as personagens de América Chaves, quanto Wanda não tem seus corpos hipersexualizados nesse filme. Inclusive, o traje da Feiticeira Escarlate, no filme, diferencia-se do uniforme dos quadrinhos, sendo mais composto e não expondo o corpo da personagem.

No mês de Julho de 2022, teve a estreia do filme Thor: amor e trovão. Nessa obra, a decepção de Gorr com um deus de sua mitologia o fez querer se vingar de todos os deuses. Sua motivação pessoal, justificada pela perda de sua filha, também é algo que o humaniza. Para ajudar o Thor nesse conflito o filme apresenta a Poderosa Thor, identidade assumida por Jane Foster, interesse amoroso de Thor, que agora está doente e tem sua vida prolongada momentaneamente pelo martelo mágico do protagonista. Para além do conflito principal e dos protagonistas, dois personagens coadjuvantes merecem destaque: Korg, um gladiador Kronan, que é amigo de Thor, e Valquíria, que é a rainha de Nova Asgard. No filme, Korg, que é uma espécie de homem de pedra, cita ter dois pais e termina com um companheiro. Já Valquíria em breve diálogo no filme menciona ser homossexual. O filme não trabalhou bem esse assunto, pesou no tom da comédia e não agregou tanto para a representatividade de gênero. Não é suficiente a direção apenas colocar um personagem homoafetivo e achar que cumpriu o seu papel em relação à representatividade. As questões de gênero e de liberdade sexual quando não são bem trabalhadas não colaboram para a luta de reconhecimento e respeito e não gera aprendizado social. Mesmo sendo o tema tratado de forma superficial, alguns países árabes – como Kwait e Egito – não exibiram o filme devido às referências de homossexualidade não terem sido cortadas do filme.

Ainda dentro do universo do UCM, série Ms. Marvel chegou na plataforma Disney+ também no mês de Julho de 2022 e trouxe um contexto bastante inovador para o universo dos super-heróis da Marvel. Na história da série, Kamala Kan é uma adolescente paquistanesa que é fã dos vingadores, em especial da Capitã Marvel. Diferente dos clichês adolescentes, a série mostra os



conflitos dessa fase da vida, a busca por identidade e afirmação, bem como a rotina e costumes de uma família paquistanesa que foi para os Estados Unidos após a Partilha da Índia. Em 1947, a Índia se tornou independente, deixando de ser colônia do Reino Unido. Veio dos Britânicos a ideia de dividir o território, separando a população usando o critério da religião. Quem era hindu ficou na Índia; os muçulmanos formariam o Paquistão. A cisão não foi pacífica e provocou conflitos que perduram até os dias de hoje. O público dessa série ganha em poder aprender um pouco sobre um tema tão importante que afeta tantas pessoas ao redor do mundo. Na série, o poder de Kamala surge de um bracelete herdado de sua bisavó, isto é, os poderes da adolescente estão ligados à ancestralidade. A série apresenta várias mulheres fortes como a amiga de Kamala chamada Náxia que concorre a uma posição no conselho da mesquita. O diferencial da série está na maneira como representou com sensibilidade, bom humor e, por vezes, firmeza o fato de Kamala ser parte da chamada segunda geração dos imigrantes. A problemática da dualidade, de nascer nos Estados Unidos e manter as tradições paquistanesas foi bem trabalhada. A aquisição dos poderes e a luta pelo bem e pela justiça se mantém viva na série. O uniforme da nova super-heroína incorpora detalhes culturais paquistaneses no tecido e ainda conta com a dupatta, lenço tradicional da cultura sul asiática, usada no pescoço.

Ainda no ano de 2022, no mês de novembro, no Brasil foi lançado o filme Pantera Negra: Wakanda para sempre. Após a morte do ator Chadwick Boseman, que interpretava o personagem principal, a direção do filme decidiu que o personagem também morreria no filme por uma doença não revelada. A Rainha Ramonda, interpretada por Angela Bassett, assume o trono de Wakanda e se junta com a filha Shuri, interpretada pela atriz Letitia Wright, e a general Okoye, vivida pela atriz Danai Gurira. O luto é uma das questões trabalhadas durante o enredo do filme, e o conflito principal se dá em torno da proteção do Vibranium, que é encontrado em terras wakadianas, já que diversos países do mundo afora se interessam e lutam para ter o metal. O vilão do filme, Namor, interpretado por Tenoch Huerta, é apresentado como o rei da nação subaquática de Talocan, e é um dos primeiros mutantes da nova fase do UCM. Namor busca vingança e uma guerra com os povos da superfície, enquanto Wakanda quer apenas evitar conflitos e esconder o vibranium dos países poderosos. Conseqüentemente, esse conflito de interesses gera uma guerra entre os povos de Wakanda e os seres da subaquática Talocan. Esse filme é muito importante no que diz respeito à representatividade, e dá espaço para o protagonismo negro feminino. Além disso, a cultura latino-



americana também tem local de fala na trama, mostrando como a história indígena ainda é pouco retratada.

Dessa forma, os filmes dos Estúdios Marvel, desde sua primeira produção às produções do ano de 2022, ano em que foi lançada a série Mulher Hulk, passou por um processo de reformulação na forma com que traz as representações femininas. Os filmes e séries recentes trazem contribuições para a representação da mulher, dentro do gênero de filmes em que se colocam, mesmo que ainda persistam características da lógica patriarcal na construção da narrativa que precisam ser repensadas.

2 ANÁLISE DA SÉRIE *MULHER HULK: DEFENSORA DE HERÓIS*

Com o título original *She Hulk: Attorney At Law*, a série que retrata a vida da personagem Jennifer Walters teve sua estreia no Brasil na plataforma do Disney+ com o título *Mulher Hulk: Defensora de heróis* no mês de agosto do ano de 2022, com classificação indicativa para 14 anos. O enredo gira em torno de uma advogada que após sofrer um acidente junto com seu primo, Bruce Banner (Hulk), adquire superpoderes. Tal fato se dá através de um contato com o sangue de Bruce por meio de seus ferimentos. Após o contato sanguíneo houve uma transformação em seu corpo, tornando-a numa versão feminina do Hulk, posteriormente denominada Mulher-Hulk. Tal qual aconteceu nos quadrinhos, na série, ao ter contato com o sangue do primo, Jennifer também teve seu DNA alterado e se transformou em uma super-heroína verde com força sobre-humana, ficando conhecida, pela semelhança com o seu primo, como Mulher-Hulk.

A forma pela qual adquire seus poderes nas histórias em quadrinhos se difere da série, uma vez que nos quadrinhos Jennifer Walters necessita de uma transfusão de sangue e seu primo Bruce se encontra em um dilema entre fazer ou não, já que ele tinha ciência da mutação de seu DNA causado pelos raios gama. Por não saber como o organismo de Jennifer reagiria essa seria uma transfusão arriscada podendo levá-la até a morte. Já na série, Jennifer perde o controle do carro na tentativa de evitar uma colisão, ela e seu primo sofrem um acidente. Ao tentar retirá-lo do carro capotado, a advogada acaba se cortando e, no processo, algumas gotas do sangue de Banner acabam entrando na sua corrente sanguínea. Isso é o bastante para que ela se transforme na Mulher-Hulk.



Na série, posteriormente, quando consegue levá-la para o México para conduzir um breve treinamento e fazer alguns testes, Bruce revela que essa transformação foi possível por conta da genética de Jennifer. Assim, o que normalmente acabaria sendo uma experiência letal, acabou produzindo uma nova heroína.

Tanto nos quadrinhos quanto na série, após o acidente, a prima de Bruce adquire super-poderes bem parecidos com o do Incrível Hulk, tais como força, velocidade, resistência, poder de cura e durabilidade sobre-humanos. Nos quadrinhos, habilidades como treinamento avançado de luta, trocar de corpos e pilotar aviões também são retratadas nas aventuras da Mulher-Hulk. A habilidade intelectual no que tange à sua carreira de advogada é bem explorada nos quadrinhos e na série e faz com que seja um grande diferencial dessa super-heroína.

A Mulher-Hulk é uma personagem da Marvel criada por Stan Lee em parceria com John Buscema. Teve sua primeira aparição e primeiro quadrinho em edição própria publicado em fevereiro de 1980 sob o título de The Savage She-Hulk. Contudo, o contexto de criação dessa personagem envolve conflitos de mercado das empresas DC e Marvel e proteção de direitos autorais.

Para entender melhor esse contexto, precisamos lembrar uma breve retrospectiva de criação de personagens dessas duas grandes empresas que monopolizam o mercado dos quadrinhos. Em 1964, a Marvel criou um personagem chamado Wonder Man, em que uma tradução literal para o português significa Homem-Maravilha (no Brasil, o nome foi adaptado para Magnum). A referência explícita à Mulher-Maravilha, super-heroína mais conhecida da DC, desagradou a empresa rival que algum tempo depois batizou uma nova heroína de Power Girl (Poderosa, em português) em alusão a Luke Cage, que, na época, era chamado de Power Man.

A partir disso, a Marvel percebeu que as variações de gêneros de seus personagens poderiam ser apropriadas seja pela DC ou outra editora do mesmo ramo. Sendo assim foram criadas versões femininas dos principais e mais populares heróis, surgindo por exemplo, a Mulher-aranha, em 1977, e a Mulher-Hulk, em 1980.

Dessa forma, vale ressaltar que por ter sido uma personagem criada por encomenda, mediante pressão e por causa do conflito citado, não houve empenho para criar uma personagem original. O que necessariamente condenou a personagem a viver à sombra do Incrível Hulk. É preciso problematizar a falta de identidade dessa super-heroína que sequer tem um nome próprio.



Até a Poderosa Thor tem um adjetivo antes da referência ao herói que está ligada. Mas chamá-la de Mulher-Hulk é categorizá-la e classificá-la como o outro. É considerar a diferença natural e biológica como determinante para eleger o Incrível Hulk como detentor exclusivo da capacidade de transformação.

Com base nessa reflexão, é inevitável não mencionar a teoria de Simone de Beauvoir em sua obra *O segundo sexo*. A autora, em seus estudos, analisa a situação da mulher no mundo e desvela a opressão, pois, na concretude da existência, a mulher não é considerada um sujeito autêntico, a mulher é o “outro” para o homem e para si mesma, já que não pode se efetivar na autenticidade. Enquanto o sujeito autêntico define a si mesmo, o inautêntico define a si como o outro do um. Logo, enquanto o homem é o “primeiro” e “essencial”, a visão que o homem tem da mulher é definidora para que a mulher continue sendo:

Ela não é senão o que o homem decide que ela seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado; para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (Beauvoir, 2016, p. 13).

Em vista disso, a própria construção da personagem Mulher-Hulk pode ser problematizada por essa ótica. Mesmo a personagem tentando construir uma trajetória mais independente, está sempre ligada ao Hulk, ser primeiro que a antecede e lhe empresta o nome. Na série de 2022, a Mulher-Hulk em diversos momentos afirma ser a “dona” da série, uma vez que vários outros heróis aparecem no decorrer dos episódios, incluindo o próprio Hulk.

Essa necessidade de afirmar quem é protagonista da série nos leva a questionar: por que nós, mulheres, não podemos ser protagonistas de uma série de super-heróis? Sheila Bratti (2018), em uma de suas obras, faz uma pergunta semelhante. A autora, através do já mencionado conceito de Simone de Beauvoir, entrega-nos a seguinte observação:

Por que nós, mulheres, não podemos ser protagonistas de um filme de ação? Não temos habilidades, não somos fortes o suficiente para derrotar os vilões, salvar o mundo, resgatar os reféns? O problema vai muito além disso, e tem a ver com o modo como a sociedade androcêntrica nos vê – e como ela faz questão de nos manter: nós somos o ‘outro’, aquele que está em posição secundária, sempre observando do ponto de vista do ‘um’ (Bratti, 2018, p. 49).



Mesmo diante dessa questão de identidade, a personagem tenta romper alguns padrões e agregar na forma de representatividade feminina dentro da Marvel. Alguns autores destacam essa característica inovadora da Mulher-Hulk desde os quadrinhos, ganhando bastante destaque na série produzida em 2022.

Além disso, ela adotou um discurso bem mais empoderador que, para a década de 1980, era bastante vanguardista. Em muitas histórias, a Mulher-Hulk fala que prefere ficar grande e verde porque, assim, se sentia mais bonita e poderosa do que quando era a pequena Jennifer Walters – e isso é algo que foi mantido, inclusive em histórias mais recentes. A partir dessa mudança, ela ganhou uma personalidade própria que a afastou mais e mais da sombra do Hulk. Embora a cor e o nome não deixassem enganar, ela passou a trilhar caminho próprio nas histórias da Marvel e chegou a fazer parte, inclusive, dos Vingadores e do Quarteto Fantástico (Ramos, 2022, s/p).

Mesmo tendo sido criada na década de 1980, apenas no ano de 2022 a personagem ganha espaço nas produções midiáticas. É possível dizer que a demora dos 40 anos que dividem seu surgimento e a sua estreia ganhando vida através de uma interpretação está ligada aos conflitos de recepção. Em 2022, a quantidade de mulheres que acompanham as histórias do Universo Marvel é bem maior do que em 1980, fazendo com que o contexto seja mais propício para essa produção.

Interpretada pela atriz Tatiana Maslany, as personagens Mulher-Hulk e Jennifer Walters dividem a mesma personalidade, mesmo senso de humor, mesmas lutas e anseios. Diferente do Incrível Hulk, que no início da mutação perdia a consciência e deixava a raiva dominá-lo, a Mulher Hulk consegue controlar suas emoções desde o início. Mesmo sendo a raiva um sentimento indispensável para a transformação.

Nessa série, a Mulher-Hulk toma posse da identidade de super-heroína, tenta deixar de ser o “outro” e sair da posição secundária. Após aceitar suas novas habilidades e perceber que pode usá-las também atuando na profissão que já exercia, Jennifer passa a trabalhar como advogada no escritório Goodman, Lieber, Kurtzberg e Holliway (GLK e H), empresa que no enredo é especialista em casos envolvendo super-humanos.

A série Mulher Hulk: Defensora de heróis mostra Jennifer Walters não apenas como a super-heroína Mulher Hulk, mas como uma mulher comum que precisa continuar enfrentando algumas dificuldades do dia a dia, como pagamento de aluguel, financiamento estudantil, pressões



estéticas, relacionamentos amorosos e combate à misoginia . Ser uma super-heroína não a exime dessas questões.

Sobre a pressão estética, é importante salientar que a série é bem autêntica quando coloca um figurino sempre básico na personagem. Ela usa, geralmente, cores sóbrias e nunca aparece com maquiagem forte ou roupas apertadas destacando o corpo. O próprio uniforme, diferente dos trajes que estamos acostumados a ver nas super-heroínas, é confortável, adequado para uma luta e cumpre sua função como vestimenta de batalha. Mais uma vez, como vimos nas últimas produções, a roupa não foi pensada para expor o corpo feminino e obter olhares masculinos.

A diferença do uniforme da Mulher-Hulk das revistas em quadrinhos para o que foi apresentado na série pode ser vista como uma vitória das mulheres na luta por uma representatividade mais respeitosa nos filmes e séries desse seguimento. É uma série que tem um grande número de mulheres envolvidas em sua produção. São duas diretoras (Kat Coiro e Anu Valia), uma mulher como criadora e escritora principal (Jessica Gao) e do grupo de oito roteiristas, seis são mulheres. Como foi já destacado, na maioria das histórias do UCM não há grande quantidade de mulheres envolvidas nas produções dessa empresa. A série Mulher-Hulk vem contrapor essa tendência e os resultados são nítidos nos diálogos, nos conteúdos e na estética.

Outra característica dessa série que merece destaque e relevância é a solidariedade feminina. Em diversos momentos do enredo aparecem mulheres que se apoiam, mesmo quando não se conhecem. Como acontece na cena do banheiro, no primeiro episódio, em que um grupo de mulheres oferecem apoio à Jennifer, que na ocasião estava debilitada em virtude do acidente. Ou quando é mostrado na empresa de advocacia GLK e H as profissionais que trabalham juntas em clima de cooperação sem direcionar o foco para a “tradicional rivalidade feminina”, geralmente retratada na mídia.

Desde o início, problemas relacionados a assédio às mulheres são apresentados no enredo da série. Em determinado momento Bruce diz a Jennifer que apenas uma emoção forte fará com que ela se transforme em Hulk, principalmente raiva ou medo, e a prima responde de forma clichê que raiva e medo são basicamente o que toda mulher sente. A fala faz referência aos assédios sofridos diariamente por milhares de mulheres ao redor do mundo. Inclusive a primeira vez que Jennifer se transforma em Mulher-Hulk na série é para se defender de um grupo de homens que a estavam



assediando. Algumas falas de cunho machistas presentes na série foram inspiradas em reações do público no Instagram quando a série foi anunciada.

O terceiro episódio de Mulher-Hulk surpreendeu o público ao fazer uma paródia da vida real e mostrar como a internet estava reagindo ao surgimento de Jennifer Walters. Entre menções ao movimento #MeToo e falas alegando que ‘todos os heróis são mulheres agora’, as reações não são inverossímeis. Pelo contrário, alguns dos comentários presentes na série foram inspirados em falas reais do público. A conta no Twitter, She-Hulk Updates, trouxe algumas imagens comparando as opiniões da montagem presente na série com comentários reais feitos em uma postagem anunciando que a Disney+ faria uma série da Mulher-Hulk. Veja o tweet abaixo: “Parece que a Marvel se inspirou na vida real. Em 2019, quando a Marvel anunciou a série Mulher-Hulk, diversos comentários de homens indignados surgiram na postagem. Alguns até mesmo idênticos aos mostrados na cena do episódio. ‘Então, temos o movimento #MeToo agora e todos os heróis homens se foram?’”, diz o tweet de @shehulkupdates (SENA, 2022, s/p).

Dos comentários, os que mais se destacam pela similaridade no uso das palavras e ideias são: “Então, temos o movimento (metoo) e agora todos os heróis homens se foram?” e “Por que tudo na Marvel precisa ser feminino agora?” Como foi evidenciado na construção desse artigo, o Universo Marvel sempre teve um espaço maior entre o público masculino. O aumento do público feminino e o também consequente aumento do espaço feminino nas produções desse universo pode ser entendido como um avanço na representatividade feminina. O que não prejudica o desenvolvimento dos personagens masculinos que sempre tiveram voz, espaço e suas histórias e aventuras contadas ao redor do mundo.

Mencionado no comentário, o movimento #Metoo foi como ficou conhecido o movimento global que surgiu em 2017 como uma campanha contra o assédio sexual e a violência de gênero, principalmente no ambiente de trabalho. A campanha começou a partir de um tweet da atriz norte-americana Alyssa Milano, que encorajou as mulheres a compartilharem suas experiências de assédio e abuso sexual usando a hashtag #MeToo (“Eu Também”, em português). O movimento rapidamente ganhou força e se tornou um importante símbolo de luta contra a cultura do estupro e a violência de gênero em todo o mundo. O movimento Me Too encoraja as pessoas a falarem abertamente sobre suas experiências de abuso e a partir dessa visibilidade possibilita o fortalecimento da luta por mudanças culturais e legais que combatam esses problemas.



Dessa forma, por dar espaço para discutir questões tão importantes para as mulheres, além de apresentar um protagonismo feminino efetivo, pode-se caracterizar a série Mulher-hulk como uma série feminista. A crítica presente no site Omelete, que no Brasil é um dos principais veículos de comunicação dessa temática, destaca a originalidade da série Mulher-Hulk e ainda refuta a recepção negativa que a série estava tendo em alguns comentários divulgados na Web como os já mencionados.

Essa falta de embaraço em ser feminina e feminista de modo algum a torna uma produção excludente para as demais demografias. Na verdade, como acontece com a comédia sobre o próprio MCU, é só uma sugestão de que tudo não precisa ser sempre igual. É simplesmente lidar com a humanidade da personagem, sem negar parte substancial dela – e é, inclusive, coerente com quem ela é nos quadrinhos. Até porque, no fundo, She-Hulk é mais fiel ao MCU e às HQs do que pode parecer (Canhisares, 2022, s/p).

Ainda dentro dessa realidade, a série não conta com um vilão ou vilã elaborada com uma narrativa própria. Ao contrário disso, apresenta um grupo de homens que não concordam com a existência da Mulher-Hulk e acreditam que ela não é merecedora dos superpoderes adquiridos. Como forma de impedi-la, tentam embate físico e envenenamento, porém quando percebem que não funcionou, tentam atacá-la moralmente. É feita a exposição de um vídeo íntimo da personagem. Socialmente, ainda hoje, esse tipo de atitude ainda é utilizada para desmoralizar as mulheres. Mesmo não sendo personificado, o vilão representado na série é a misoginia, que muitas vezes levam ao crime de feminicídio. Dentro desse contexto, o fato da heroína ser advogada é bastante significativo: a busca pela justiça se faz tanto pela Jeniffer quanto pela Mulher-Hulk, dentro e fora do universo dos super-heróis.

Um componente que traz originalidade na história da Mulher-Hulk e foi importado das histórias em quadrinhos é o diálogo com o público e a metalinguagem. Também conhecido como a “quebra da quarta parede”, termo utilizado no teatro e no cinema, em que remete a uma “parede” imaginária que separa o ator do público: no teatro o ator se comunica com a plateia; no cinema, com as câmeras. Na série Mulher-Hulk: Defensora de heróis a personagem principal dialoga com o público por meio das câmeras. Esse tipo de abordagem e o uso do humor se tornaram característicos nas histórias da Mulher-Hulk.



Durante a fase assinada pelo lendário John Byrne, ela se tornou uma das principais personagens a quebrar a quarta parede nas HQs e ativamente conversar com o leitor durante as histórias. E por mais que boa parte dos leitores sempre se lembre de Deadpool nesse quesito, a Mulher-Hulk já fazia isso em 1989, muito antes (...). Ao longo do arco de Byrne, a Mulher-Hulk usou e abusou dessa brincadeira com o formato dos quadrinhos para brincar com o roteiro. Não foram poucas as vezes que ela se virou para o leitor para comentar sobre o absurdo de uma situação, tirou sarro da Marvel enquanto editora e até mesmo já rasgou os desenhos por não gostar da história que estava sendo contada ou apareceu para reclamar da preguiça do roteirista (RAMOS, 2022, s/p).

O desenhista e roteirista mencionado, John Byrne, além de ter colaborado com as histórias da Mulher-Hulk, escreveu ainda um romance gráfico dedicado a essa personagem. E essa que foi uma característica amplamente explorada nos quadrinhos que também esteve presente na série de 2022. A interação acontece desde o primeiro episódio e chega ao ápice ao final quando a personagem interfere no seu destino dentro da história. Se nas histórias em quadrinhos a personagem rasga a página dos desenhos, na série ela exige falar com a equipe de roteiristas e o principal responsável pela produção: Kevin Feige.

Na produção, o Kevin é representado de forma bem-humorada por uma inteligência artificial que define o roteiro e destino da história. Ao encontrá-lo, uma das exigências impostas pela Mulher-hulk foi que ela não fosse salva, mas salvasse a si mesma. É muito provável que as pessoas que se sentiram incomodadas com o protagonismo feminino dessa série preferem que as mulheres permaneçam ocupando o espaço do “outro”, o que observa, no máximo oferece ajuda, mas nunca o que salva o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções midiáticas – sejam os quadrinhos, filmes e/ou séries – podem ser importantes objetos de pesquisa agregando valor à mídia e deixando de ser um simples entretenimento. A investigação científica desse tipo de mídia revela importantes aspectos sociais.

Na série Mulher-Hulk podemos ver o quanto foi significativo ter o papel de destaque feminino, bem como todo o protagonismo nas ações das mulheres na série. A importância representativa somada à abordagem de temas que agregam nas pautas de lutas feministas fez com



que a série não fosse bem recebida por parte do público masculino, que se manifestou por meio de comentários na internet.

Por muito tempo esperamos por uma super-heroína que não fosse objetificada. A série Mulher-Hulk atende esse reclamo e reúne elementos originais de produção e execução, mas permanece fiel à sua história original das histórias em quadrinhos.

A personagem consegue expor suas singularidades em meio a todos os obstáculos apresentados na série e se mostra preparada para ser uma super-heroína em um mundo de super-heróis.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro-RJ. Brasil: Nova Fronteira, 2016.

BRATTI, Sheila. **Sejamos todas protagonistas, ou cartas às espectadoras e criadoras de personagens femininas**. Curitiba: CRV, 2018.

COSTA, Denise Maria. Super-heroínas em cena: uma análise de representatividade feminina no universo cinematográfico Marvel. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 12* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021. Disponível em: < https://www.en.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1611978550_ARQUIVO_c9a6e85d44e5f8926bc3920c72bee803.pdf >. Acesso em: 01/12/2022

CANHISARES, Mariana. **She-Hulk faz do mundano algo extraordinário em ótima 1ª temporada**. 2022. Disponível em: < <https://www.omelete.com.br/series-tv/criticas/she-hulk-mulher-hulk-critica> >. Acesso em: 21/04/2023.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada. *In: STEVENS, Cristina et al. (orgs.). Gênero e feminismos: convergências* (in) disciplinares. Brasília-DF: Ex Libris, 2010.

RAMOS, Durval. **Quem é a Mulher-Hulk, a próxima grande heroína a entrar no MCU?** Disponível em: < <https://canaltech.com.br/entretenimento/mulher-hulk-quem-e-190319/> >. Acesso em: 02/12/2022.



ROVERI, Fernanda. **Do rosa ao choque:** Barbie na educação das meninas. São Paulo: Annablume, 2012.

SENA, Junno. **Mulher-Hulk:** Comentários presentes no terceiro episódio foram inspirados em reações reais do Instagram. Disponível em: < <https://www.legiaodosherois.com.br/2022/mulher-hulk-comentarios-terceiro-episodio-reacoes-instagram.html> >. Acesso em: 21/04/2023.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Recebido em: 08/08/2024 | **Aprovado em:** 12/12/2024